

Não somos uma república tutelada

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS
General de Divisão da Reserva

São ainda poucos os acadêmicos que se debruçam verdadeiramente a estudar o papel das Forças Armadas, seus envolvimento, consequências e reflexos para a sociedade brasileira. Um obstáculo para que a população se sinta confortável, aprofunde conhecimento, opine sobre o que deseja para a instituição, bem como anule ranzinhas entre os civis e os militares ainda vigentes em nosso país.

O livro do professor José Murilo de Carvalho, *Forças Armadas e a política no Brasil* (Editora Todavia, 2005), ainda que se possa divergir, é uma referência sobre o tema e servirá para iluminar a construção deste artigo. No capítulo uma “República tutelada”, o professor apresenta alguns pontos para avaliar a situação das Forças Armadas no contexto vivido pelo país, naquele momento, mas ainda válido. O governo atual é de fato militarizado? Antes, vale inserir a dúvida acadêmica de como melhor definir os parâmetros para um governo militarizado. Os integrantes fardados empregados no governo trazem consigo, sem dúvida, valores praticados na caserna, mas não representam a instituição. Tampouco, a instituição validará seus comportamentos, bons ou maus, para protegê-los.

Comparando os períodos de 1964, sempre alvo de avaliação de analistas, e o agora, a composição social dos militares, seu preparo, seus valores e suas posições políticas se modificaram, particularmente, junto aos mais jovens. Vai adiante, sendo o Brasil um país considerado potência média, com gastos

militares percentualmente baixos em relação ao PIB, as Forças Armadas têm condições de cumprir o seu papel?

Para Murilo de Carvalho, a questão mais importante está ligada à profissionalização das Forças Armadas. Nesse ponto, defende que temos dificuldades oriundas de um contexto histórico-sociológico, que nos diferencia dos países ocidentais com democracias consolidadas, porquanto nesses, uma burguesia fruto de um crescimento econômico e a inclusão da massa na política lhes permitiu abdicar do emprego dos militares internamente, devotando a sua missão quase que exclusivamente à defesa externa.

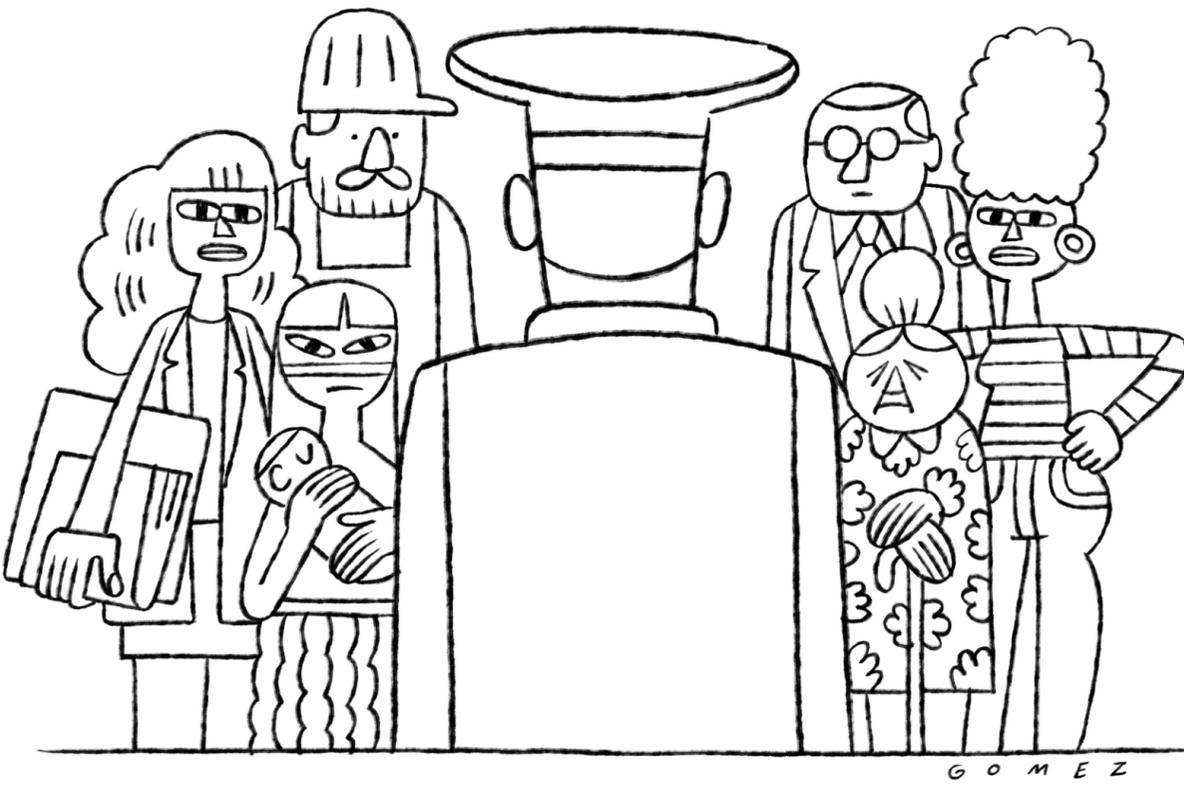
É uma tese interessante, que traz novas luzes à discussão do papel dos militares. Será pela imaturidade de nossa democracia que as Forças Armadas estariam sendo constantemente envolvidas no cenário político? Ou elas estariam sempre sendo envolvidas na política por nossa sociedade ainda não ter conseguido um equilíbrio social justo entre as camadas da população? Da análise das nossas constituições, é mister lembrar que, das sete instituídas no país após a Independência, cinco atribuem papel político às Forças Armadas. Em nossa atual Constituição, promulgada em 1988, o chefe do Poder Executivo tem o consagrado cargo honorífico de comandante em chefe das Forças Armadas.

Entretanto, ela também indica, em artigo 142, a necessidade de estreito relacionamento institucional com os outros poderes, a fim de que as Forças Armadas possam

cumprir a missão ali delineada: destinam-se à defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem. Nesse artigo, por vezes, o papel das Forças Armadas é alvo de divergência doutrinária e aquece discussões entre constitucionalistas, oferecendo disputas entre o estamento militar e a sociedade civil.

Diante do panorama em que se insere a política atual, tão divisiva, na qual, diariamente, somos apresentados a novas provocações eleitorais, é preciso suturar logo a ferida que está se formando no tecido social que une militares e civis. Não a queremos infeccionada, a ponto de que um dos Poderes, usando a legislação constitucional vigente, tenha que se valer das Forças Armadas para a recomposição da lei e da ordem. Não se imagina como o processo ocorreria e não o desejamos. O debate sobre o papel das Forças Armadas exige conhecimentos mais profundos e diversificados. Por isso, precisamos estudá-lo à exaustão.

Como lidar com o cenário internacional em mutação? Como enfrentar a temática ideológica que se assume focal no campo interno? Como se proteger contra ingerências indevidas da política partidária? As Forças Armadas devem estar permanentemente preparadas para guerra externa? Forças multilaterais a serviço da Organização das Nações Unidas (ONU), combate ao narcotráfico, operações internas de garantia da lei e da ordem, operações subsidiárias em apoio social são nossas missões? São dúvidas importantes e prementes de respostas e precisamos provocá-las. Paz e bem.



Lula pode reeleger Bolsonaro

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Lula vem liderando todas as pesquisas seguidas por Bolsonaro. Ambos têm trabalhado, sistematicamente, para inviabilizar qualquer candidatura alternativa, sendo forçoso reconhecer que, até o momento, conseguiram alcançar o objetivo. A cada semana nova pesquisa é divulgada mostrando mais pessoas afirmando que não pretendem alterar sua atual opção de voto. E, quanto mais a chamada terceira via demorar a se entender, mais o quadro de polarização se consolidará.

A outra novidade que vem sendo apresentada é a tendência de redução na distância entre os dois líderes, numa curva que, segundo especialistas na área, indica a possibilidade de um cenário de empate técnico no final deste semestre. Se, antes, os apoiadores do ex-presidente estavam convencidos que a meta era garantir sua vitória no primeiro turno, atualmente, lutam para evitar uma possível derrota no segundo turno. Claro que ainda há quem considere essa hipótese improvável, mas há alguns fatos recentes que apontam para sua concretização.

O comportamento das lideranças do Centrão integrantes das bancadas que representam os nove estados do Nordeste é um deles. Como profissionais políticos, sempre se movimentam movidos pela expectativa de poder. Nas eleições anteriores ficaram, em sua maioria, apoiando as candidaturas petistas. Atualmente, mesmo com o favoritismo de Lula na região e o apoio de quase todos os governadores, é grande o número de parlamentares daquele grupo que se mantém fiel à campanha de reeleição do presidente, contrariando previsões de muitos analistas. Basta ver como foi esvaziado o jantar com Lula promovido por Renan Calheiros e Eunício Oliveira no dia 14 de abril.

Outro forte indício foi o resultado das transferências realizadas na recém-encerrada janelada partidária, quando PL, PP e Republicanos, os três principais partidos governistas, passaram a contar com 179 parlamentares, o equivalente a 35% dos assentos na Câmara dos Deputados. De seu lado, os partidos de oposição

encolheram suas bancadas de 147 para 126. O recente caso do ignóbil deputado Daniel Silveira permitiu ao presidente animar ainda mais sua tropa de apoiadores em sua estratégia de confrontar o Supremo Tribunal Federal (STF). Também conseguiu agradar a parcela da sociedade que, apesar de não declarar abertamente o voto, se sente representada por frases como “O STF está passando dos limites” ou “Quem esse Xandão pensa que é?”

Já as notícias vindas da campanha do ex-presidente revelam um clima de certa perplexidade diante da tendência de recuperação de Bolsonaro. O primeiro movimento na tentativa de correção de rumo foi a recente troca do profissional responsável pelo marketing. E ainda pode haver mais mudanças na área, pois, enquanto escrevo essa coluna, circulam notas indicando a substituição de Franklin Martins por Edinho Silva na coordenação. Claro que comunicação é chave em uma campanha eleitoral, mas é ingenuidade acreditar que essa alteração na equipe resolverá todos os problemas.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Xôuí

Saudada como uma espécie de musa intelectual das almas penadas que professam o credo no messianismo sem cérebro do lulismo, a professora Marilena Chauí encontrou na pobre e sofrida classe média brasileira um mote para desenvolver todo um rosário de elucubrações pseudofilosóficas em torno do nada nobre sentimento de ódio que diz sentir e alimentar por esse estrato da pirâmide social do nosso país.

De fato, o Brasil é um país sui generis. Como dizia o músico Tim Maia, em suas tiradas sinceras, o Brasil não pode dar certo, pois aqui, prostitua se apaixona, café tem ciúmes, traficante se vicia e pobre é de direita. Poderíamos acrescentar ainda a esse chiste o fato de possuímos os melhores eleitores que as promessas vãs e os auxílios emergenciais e eleitores podem comprar e iludir.

Interessante que nessa malquerença contra a classe média brasileira se alinha também o ex-presidente Lula da Silva. Não em decorrência de reflexões e outros trabalhos mentais, mas, simplesmente, porque ouviu essa tese, gostou dela e achou o que dizer nos palanques exclusivos. Um dia algum psicanalista vai se interessar pelo que esse demiurgo das montadoras de automóveis vem dizendo, sem mesmo perceber, nos palanques da vida.

Há muito se diz que é nos palanques que políticos como Lula se revelam e podem ser dissecados até as vísceras. Jornalismo é para se ocupar de fatos sérios e que dizem respeito direto à vida dos leitores e não para analisar zumbis insepultos. Mas, em se tratando de Brasil, onde realidade e fantasia se misturam numa geleia gosmenta, é preciso acompanhar, de perto esses personagens, porque, mesmo habitando o mundo ficção, eles podem interferir em nossas vidas, maltratando a nossa realidade diária.

Na relação pouco usual entre Lula e Chauí, é difícil saber onde começa o criador e termina a criatura. Há, por parte da professora paulista, uma tentativa de buscar alguma racionalização e pontos de apoio filosóficos dentro do universo lulista, o que, em si, parece-nos surreal. Dizer que filósofos, por suas carências de ordem pessoal demonstram partidarismo por essa ou outra corrente ideológica e política, é um contrasenso que compromete a própria imagem de liberdade que deve manter os livres pensadores.

Quem diz pensar, refuta, duvida e não se alinha a ninguém. O livre pensador é um indivíduo solitário, que cultiva sempre a dúvida, mantendo distância principalmente dos poderosos, sejam eles políticos, sejam empresários, ou outros próceres da República. A linguagem do pensador e do filósofo jamais deve se deixar enlamear pelos discursos e pelas ideologias, principalmente aquelas do momento. Filósofos que acreditam em utopias e distopias vindas de políticos, deveriam voltar aos bancos escolares.

Lula odeia a classe média, como disse em recente discursão, enquanto apontava para o infinito o braço carregando no pulso um relógio de mais de R\$ 80 mil, apenas porque jamais conseguiria se integrar à classe média, uma vez que essa é uma parcela da população, formada mais ou menos por cerca de 100 milhões de brasileiros, gente que sempre trabalhou, pagou impostos e luta para ter uma vida digna. Chauí odeia a classe média porque é a única que parece não dar ouvidos às próprias tolices acadêmicas. Na verdade, Chauí e Lula detestam todos aqueles que não querem ser parecidos com eles, nem hoje, nem nunca.

» A frase que foi pronunciada

“É por isso que a arte existe. A realidade por si só não basta.”

Mamfil, Manoel Andrade, nosso colaborador

História da cidade

» Hora de as escolas planejarem um passeio histórico. Catetinho recebendo visitação depois da reforma.

O silêncio poderoso

» Babel por balbucio. Essa troca de palavras do autor Dore Gold expõe temas interessantes para um debate maduro entre os cientistas sociais. O livro divide os temas: as raízes do terror, a erosão dos padrões, o fracasso prenunciado, o retorno da ONU imparcial ao genocídio, cenas do inferno, equivalência moral institucionalizada, a ONU apoia o terrorismo. Conclusão: da equivalência moral à ordem mundial. O livro *Torre de balbucio: como as Nações Unidas alimentaram o caos global*.

Susto

» Nos anos 1970, eram muitos os pescadores que voltavam do Araguaia para Brasília trazendo pequenos jacarés que eram jogados vivos no Lago Paranoá. Pena que as imagens de Marcelo Bosi, enviadas pelo WhatsApp nesta semana, não mostrem claramente que o jacaré estava no lago candango. Com o filho de 16 anos, enquanto remava, gravou a cena do animal. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

» História de Brasília

Hoje é dia de reunião do Conselho de Ministros. É o dia dos ministros passearem no planalto. Veem de manhã e voltam de tarde. E ficam torcendo para a reunião não demorar muito, senão terão que viajar no Panair das 20 horas, com escala em Belo Horizonte. (Publicada em 23/2/1962)